



série diálogo feminista

#1

NOVEMBRO 2016

Tornamo-nos Feministas Africanas Contemporâneas: Histórias femininas, legados e os novos imperativos

Patricia McFadden

Há uma nova ascensão das mulheres e nós somos as pioneiras. Ao pressionar, mais uma vez, as barreiras, os seus novos contornos emergentes, aspiro ver um quadro completo daquilo que podemos esperar, ao virar da esquina, no horizonte, porque é aí que se encontra um futuro diferente. Esta reflexão é um contributo para a elaboração de um discurso alternativo sobre nós próprias, os nossos corpos, os nossos sonhos e visões e as nossas vidas vividas em sociedades patriarcais profundamente inflexíveis.

As questões aqui suscitadas estão interrelacionadas com as minhas próprias experiências e fases de crescimento, como feminista radical vivendo neste continente e trabalhando o mais amplamente possível no mundo, ao longo das últimas quatro décadas. Gostaria de abordar alguns dos desafios conceptuais com que nos confrontamos como feministas, provenientes de longas tradições de resistência ao patriarcalismo e celebrando-nos umas às outras como mulheres; falarei depois brevemente sobre o que penso serem as principais origens da nossa consciência como feministas radicais e políticas e farei referência a quatro mulheres que foram as “minhas pedras de toque radicais” nesta jornada extraordinária de vida radical. Finalmente, defendo uma Recuperação das noções

feministas fundadoras de Integridade e Dignidade do Corpo, Bem-Estar e Cidadania enquanto trabalhamos no novo feminismo e nos movimentos que nos farão avançar. Todos falam ao poderoso mantra feminista que o pessoal é sempre político.

Desafios conceptuais para as feministas de hoje

Ao longo da minha vida, regozije-me no prazer de pensar radicalmente em todas as oportunidades, vasculhando profundamente a minha própria vida, enquanto observava cuidadosamente, muitas vezes com uma curiosidade descarada, as vidas e os desempenhos, escolhas e direcções que as outras pessoas exibiam à minha volta. O prazer – este ainda não amplamente reconhecido e muitas vezes injuriado



dar de alegria a si mesmo - tem sido a minha porta de acesso a um entendimento do patriarcalismo e das suas maquinações e um ponto de passagem para momentos de clareza sobre a minha vida e as minhas escolhas. Esta é uma das gemas da identidade e da vida feminista - ser capaz de explicar as profundezas, muitas vezes escuras e lúgubres, da submissão aprendida e a recusa de conformação porque sei o que são e quais as consequências que teriam. Inclinação para a Liberdade como uma possibilidade!

O primeiro desafio conceptual com que o feminismo africano se confronta, neste momento contemporâneo, é a necessidade inevitável de fazer a distinção entre o Género, como uma idealização que foi arquitectada a partir da necessidade das mulheres de localizarem e explicarem as vidas das mulheres nos silêncios e espaços invisíveis para os quais as mulheres têm sido empurradas, sobretudo através da vida familiar e da marca do público como masculino e para além do alcance das mulheres. O trabalho anterior de Ann Oakley foi um presente incomensurável para todas nós.

O sequestro do “Género”


Este encarceramento patriarcal das mulheres através de “papéis” e “deveres” normalizados foi iluminado pela invenção de género e da sua insistência que não se trata de sexo mas sim dos locais e práticas de exploração e exclusão do poder. À medida que a noção se foi estabelecendo através do mundo, e as mulheres do continente africano começaram a associar o desenvolvimento ao género, contestando o status quo e a ‘naturalidade’ sobre quem as mulheres foram ditas que são, o que não podiam fazer ou dizer ou ser, a estratégia de tornar o género convencional nasceu (habitualmente associada ao apoio a organizações de mulheres) e ao longo de 25 anos, o género tornou-se uma questão sobre toda a gente, tornou-se uma panaceia para todos os desafios que as nossas sociedades colocam e uma resposta a todas as exigências que as mulheres fizeram; tornou-se um estado e uma língua da ONU e os homens posicionaram-se imediatamente no mesmo como um ‘quadro’ que muito eficaz e deliberadamente silenciou as mulheres e as empurrou de novo para as

margens das sociedades. Tornou-se uma indústria e uma fonte de habilitação económica e de aprovação social. Os departamentos das universidades criaram ‘estudos de género e sobre as mulheres’. Em termos convencionais, o género é resignado, sem dentes e sem uma identidade política clara. Porém, no âmago desta estratégia de apropriação conceptual assenta a ideologia do conservadorismo neoliberal, que é de facto bastante reaccionária e pro *status quo*.

A par desta sabotagem conceptual de uma noção que foi arquitectada nas lutas das mulheres para um melhor entendimento do patriarcalismo, o género como ferramenta do pensamento crítico serviu para explicar as formas pelas quais as mulheres experienciaram a exclusão patriarcal, impunidade, supremacia e desumanização, através de um exercício teórico e prático que é fundamentalmente informado pela ideologia e pela prática política do Feminismo, como uma resistência e uma tradição celebrativa.

Economia Política Feminista, que traz as realidades vividas pelas mulheres, as suas lutas, sonhos e agências a numerosos locais de contestação e de poder dentro de todas as nossas sociedades e que insiste que as mulheres têm o direito à sua humanidade e dignidade plenas, esta abordagem epistemológica possibilitou a distinção entre Género e Feminismo para ser conceptual e politicamente elaborada como um primeiro passo para delinear um significado mais claro do que significa e trata o feminismo em África. Não há departamentos de Estudos Feministas em qualquer universidade africana ou em institutos de investigação, e as mulheres que leccionam o género raramente se referem a si mesmas como professoras feministas. É inaceitável no status quo da academia africana.

O facto de importância é que género tem sido construído muito eficazmente como um meio de reinventar os sistemas e práticas patriarcais no momento actual do século XXI, e de manter as mulheres no seu lugar exibindo umas poucas mulheres de “sucesso” como prova que quando as mulheres ‘trabalham arduamente’ podem “tornar-se como os homens” e ainda assim serem “femininas”; e ao defender então que as mulheres “são os seus próprios inimigos”,



o síndrome do PHD é a acusação mais aplaudida. Mulheres na Política, nos Parlamentos; Mulheres Empreendedoras e nas Empresas; Mulheres nas Forças Armadas e na Polícia; Mulheres na ONU - o estado globalizado, na UA e nas infra-estruturas regionais do estado; Mulheres nos Institutos de Investigação e nas Universidades; Mulheres no Mundo Empresarial; todos estes locais servem para atenuar as arestas políticas das exigências das mulheres para formas políticas, económicas, legais inclusivas e outras formas de igualdade e direitos.

Esta estratégia não silenciou apenas a maioria das vozes da sociedade civil e empurrou de novo as mulheres para as fendas escuras e lúgubres da sociedade, onde assistimos a uma resistência feroz contra quem quer que seja do sexo feminino, homossexual, negra, jovem, idosa, com deficiência física ou mental e “Outras” de formas aterradoras, a estratégia também despoltizou as realidades das mulheres e deixou as académicas/activistas mais radicais, despojadas de recursos, energia e ideias. Tem sido uma época longa e seca no campo das ideias e sonhos vigorosos e desafiantes ao nível do continente e, em larga medida, este é o resultado de uma estratégia e política muito eficaz de tornar convencionais as ferramentas do pensamento que as mulheres talharam para a sua liberdade.

Gender as a feminist thinking tool


Assim, é crucial que as mulheres africanas que ansiaram pela sua liberdade, façam a distinção entre o género como uma “ferramenta” da reinvenção do status quo neoliberal, e o género como ferramenta do pensamento feminista, que está embutido nas epistemologias da resistência ao patriarcalismo e todos os seus sistemas institucionalizados de privilégio, supremacia, impunidade e sexismo. O feminismo usa o género como parte de uma alavanca intelectual e activista, intrometendo-se abertamente na linguagem e nos tabus patriarcais que ainda inibem as mulheres de serem seres criativos, dinâmicos e conscientes que trazem a sua agência aos locais contestados de poder, nas inter-relações entre as mesmas/suas comunidades e as instituições do estado e das suas infra-estruturas, políticas e práticas feudais.

Feminismo Nacionalizado

A par desta distinção conceptual e das suas implicações políticas e ideológicas está a questão profundamente contenciosa da identidade entre o nacionalismo do género e o feminismo. Ao longo de quase 40 anos que vivi e trabalhei como uma mulher radical, compreendi que a junção do nacionalismo de género ao feminismo tem sido a causa da ruína do pensamento e do activismo em todo o continente. Esta junção criou uma relação esquizofrénica entre as mulheres que falam retoricamente dos direitos e da igualdade, mas que desejam fazer parte das elites dirigentes e das classes privilegiadas nas suas respectivas sociedades. Vindo de um nacionalismo anticolonial como uma ampla plataforma que juntou os africanos apesar das divisões de género, étnicas, classe e outras diferenças sociais (com excepção da sexualidade), a política das mulheres foi forjada no caldeirão dos essencialismos nacionalistas e da paixão pela independência. Porém, no contexto vivido da mobilidade social neocolonial ascendente, o género tornou-se um meio para uma escada mais confortável e supostamente segura da mobilidade de classe e a retórica da igualdade gerou um profundo cinismo sobre a mudança real que foi muitas vezes expresso nos viciosos ataques de feministas que consideravam que estas mulheres tinham um comportamento político corrupto e manipulador.

Depois de sofrer diversos incidentes de aviltamento e de mobilização deliberada contra mim, usando a homofobia e a acusação de furto intelectual, compreendi que esta guerra muito personalizada era realmente um reflexo de uma contradição mais profunda no âmbito do movimento das mulheres africanas tal como tinha evoluído ao longo de várias décadas de independência. Era sobre a ameaça que a teorização e o activismo político radical e com princípios colocam à ascendência das elites nacionalistas de género no estado, na ONU e nas instituições conexas e infra-estruturas globais. Era fundamentalmente político e, evidentemente, feministicamente pessoal.





Fazer a distinção entre aquelas que usavam as lutas das mulheres pela liberdade e vidas de dignidade como um degrau para cima na progressão social e de classe, e aquelas mulheres que empenham as suas vidas numa política radical vivida, deu-me uma saída do movimento das mulheres africanas e uma entrada nos novos terrenos do pensamento e do activismo feminista.

Fontes do nosso pensamento radical e consciência como Feministas Africanas

Para mim, nascida num tempo em que “os ventos da mudança” sopravam sobre África, apesar de ter sido uma criança sob o colonialismo britânico e tivesse testemunhado o momento da descolonização dos anos 60, há três poderosos legados radicais que influenciaram a minha consciência feminista, conhecimento e prática política.

Tradições internacionais da resistência esquerdista

O primeiro foram as tradições internacionais da resistência esquerdista, exemplificado muito vivamente na crítica do capitalismo e do capital financeiro através das interrogações marxistas do estado imperial e da exploração e espoliação colonial. Esta análise profundamente humanista, embora careça de um referente específico aos africanos como parte de uma comunidade humana nos seus debates iniciais, teve eco junto dos radicais através do continente e influenciou a coragem exemplar dos grandes sonhadores intelectuais anticolonialistas como Amílcar Cabral, Eduardo Mondlane, Samora Machel, Patrice Lumumba, Steve Bantu Biko, Thomas Sankara e Franz Fanon. Estes homens académicos radicais deixaram uma marca poderosa no meu entendimento da economia política do colonialismo e da exclusão dos africanos da história humana como seres criativos e sensíveis e a sua coragem desencadeou uma incorrigível

cólera na minha alma negra perante a brutalidade e impunidade que continua a ser vivida pelo povo africano em todo o planeta. Cabral, Sankara e

Fanon, em particular, inspiraram em mim um senso de amor do ser africano e na busca de uma melhor inclusão epistemológica das tradições de resistência das mulheres nos seus próprios contextos intelectuais e activistas, articularam alguns dos marcadores mais essenciais do pensamento feminista africano - uma recuperação da resistência das mulheres como expressão geral da ânsia de reclamar a dignidade e liberdade africana.

Em particular, os discursos escritos por Fanon e Cabral inflamaram um sentido profundo de apreciação do valor e prazer imenso que a análise e a prática radical possibilitam no entendimento de cada um dos sistemas de exclusão, bem como nas possibilidades que a liberdade oferece, embora seja um projecto a longo prazo. Eu queria ser parte desta tradição de humanos que pensam não só na liberdade, como a vivem efectivamente, mesmo que seja só seu sentido mais parcial e inicial. O feminismo abriu aquela porta à minha alma intelectual. Os meus encontros com Simone de Beauvoir na adolescência e Sartre - e as suas contestações íntimas e afectos fizeram-me compreender como era vasta a paisagem humana na vida. À medida que ia procurando mais fundo, encontrava invariavelmente Rosa Luxemburg, Alexandra Kollontai, Virginia Wolfe, e muitas dessas mulheres extraordinárias que estavam a provocar ruptura na complacência dos homens perante as realidades negligenciadas das mulheres das sociedades do norte.

Intelectuais negras do sexo feminino

E assim li tudo a que pude deitar a mão, tropeçando durante a adolescência e ao entrar na idade adulta, encontrando um feminismo negro radical na literatura e a crítica da escravidão americana e da repressão dos africanos nos EUA e nas Caraíbas. Bell Hooks, Alice Walker, Audre Lorde, Angela Davis, Patricia Williams, June Jordan, e um conjunto de intelectuais negras do sexo feminino que insistiram em posicionar a mulher negra em todas as suas múltiplas realidades na intersecção da raça, classe, género, capacidade, sexualidade e grandes localizações sociais no mundo do norte, abriram mais uma vez outro panorama de clareza e prazer intelectual e activista.





Porém, mesmo com este espantoso cenário internacionalista de tradições radicais como apoio e com o qual aprender, as influências mais dramáticas no meu feminismo, como radical africana, vieram de quatro extraordinárias feministas intelectuais africanas, cujas vidas e prática inspiraram a mudança fundamental no meu sentido próprio de feminista negra e continuam a influenciar a minha vida no contexto actual. Nawal el Saadawi (Deus morre junto ao Nilo e as Mulheres no Ponto Zero), Micere Mugo (Da Mente do meu Coração e Porque me vou Casar quando Quiser), Fatima Mernissi and Awa Thiam – estrelas radicais no meu firmamento feminista – destacam-se como as mulheres radicais mais corajosas da geração precedente à minha. O seu compromisso corajoso com os desafios mais fundamentais acerca da Integridade do Corpo e Sexualidade, Prazer e Dignidade e uma rejeição incessante da hegemonia do estado feudal e contemporâneo sobre os corpos e as vidas de mulheres através da classe, facultou os princípios chave nos quais se baseia a teoria e activismo feminista africano. Mais feministas contemporâneas como Chimamanda Ngozi Adichi celebram os legados das mulheres radicais que percorreram o caminho de escrever a resistência e de viver vidas diferentes, abrindo caminhos para o futuro das mulheres.

Na minha própria jornada pelas paisagens perigosas da repressão e expulsão neocolonial, os desafios colocados pelas lutas das mulheres africanas por vidas de dignidade, personalidade e integridade, uma cidadania completa e o direito a celebração da vida, permanecem largamente por resolver e urgentes.

Ruptura com o nacionalismo de género

Uma varrida ampla da trajectória da história feminista negra através do continente africano revela intimidades e entrelaçamentos profundos com o nacionalismo como a primeira oportunidade que possibilitou às mulheres “intervir publicamente” como indivíduos que podiam participar num projecto nacional para a libertação e auto-emancipação, apesar das suas limitações patriarcais falhadas e da inevitável masculinidade como uma prática política e mais tarde do estado. Esta relação atribulada com o nacionalismo e os seus essencialismos de inquestionável lealdade,

imparcialidade de classe, compromisso racial e práticas de conluio com resquícios patriarcais feudais em locais onde a maioria das mulheres africanas se encontram localizadas e na consciência cultural e social das mulheres africanas em geral, estas questões difíceis colocam um desafio claro às Feministas Africanas nas nossas tentativas de distanciar a nossa política de nacionalismo de género e da apropriação das nossas ideias, língua e agências do estado em todas as suas configurações (nacional, regional, continental e global).


Na minha opinião e experiência política como mulher radical neste continente e nas comunidades feministas transnacionais a nível internacional, esta é a tarefa mais urgente com que se confronta o feminismo africano, a ruptura com o nacionalismo em termos ideológicos e conceptuais, e a idealização de novas e contemporâneas noções, teorias e práticas activistas que farão avançar o projecto da liberdade feminista para um futuro diferente.

Recuperar e imaginar um novo Futuro Feminista Africano

Na década depois de me ter afastado do movimento nacionalista de género das mulheres africanas – para lamber as minhas feridas e me reorientar num mundo neoliberal cada vez mais descarado e desavergonhado – compreendi o quão crucial era para as mulheres radicais ‘afastarem-se’ do ruído do status quo do dia-a-dia e reavaliar quem nos tínhamos tornado, e como podemos re-imaginar a nos mesmas e os nossos futuros como humanos que não só sonham com a liberdade, mas cujas vidas são expressão da liberdade como uma realidade vivida. Encontrar os nossos espaços seguros e reflectir sobre as novas tarefas como uma parte necessária de ser radical e continuar numa trajectória radical, é para mim, um imperativo inevitável.

Ao afastar-me e entrar numa relação mais próxima comigo e com a terra, a minha escolha anterior de um estilo de vida vegan tornou-se cada vez mais o local de múltiplas oportunidades para re-imaginar como vivo no meu magnífico, idoso corpo feminino negro. Isto tem





sido um momento revolucionário para mim em viver o meu feminismo e em escolher ser celibata. Trabalhei na sexualidade a maior parte da minha vida radical, e os desafios com que se confrontam as feministas africanas em termos de sexualidade e do corpo negro face a noções de decência, patologia (conforme reflectido na fusão da sexualidade feminina negra, VIH/SIDA e doença) permanecem quase intratáveis. A repressão dos corpos negros femininos através dos tropos e do essencialismo em torno dos significados da identidade africana e aceitabilidade da grande e feroz aparição nas vidas das mulheres, particularmente das mulheres que vivem em corpos reprodutivos e cuja integridade do corpo é continuamente ameaçada e violada pelos guardas do poder e do privilégio feudal patriarcal. Estas são atitudes difíceis, no entanto, necessárias que as feministas africanas têm de adoptar e empreender, seja como mulher heterossexual ou homossexual, porque, como compreendi da minha própria vida, é apenas quando as mulheres compreendem o poder dos seus corpos e a criatividade das suas mentes, aquela liberdade começa a traduzir-se do pedido retórico para a experiência vivida. E é apenas através de um posicionamento envolvido e intransigente nos aspectos mais radicais das histórias contadas pelas próprias mulheres que encontramos as nossas asas e aprendemos a voar.

Acompanhar as novas realizações que cada uma de nós tem de fazer para reposicionar as nossas agências radicais e a prática vivida, é o desafio difícil colocado pelo neoliberalismo e pelo neocolonialismo sob a forma de um estado inimputável e cada vez mais brutal e impune ao nível do continente e do mundo. O conluio óbvio entre os estados repressivos e as empresas na pilhagem de recursos colectivos, a repressão brutal e os maus-tratos e a supressão de pessoas, particularmente de mulheres que publicamente resistem à impunidade do estado e despolitização da vida das mulheres e das realidades das suas comunidades no interesse que favorece a pilhagem capitalista financeira global dos recursos minerais e ecológicos Africanos, têm de ser confrontados e parados. Os comuns colectivos têm de ser recuperados através de novos movimentos sociais que estão ancorados nas ideias e nas resistências mais radicais que podemos imaginar, para que uma relação

diferente com o estado como fenómeno histórico, não como um instrumento de poder e acumulação da classe dirigente, possa ser idealizada.

Identidades Contemporâneas Colectivas do Cidadão

Este imperativo político urgente está directamente ligado às nossas identidades como cidadãs em novas e contemporâneas formas e expressões. Nalgum do meu trabalho mais recente, comecei a explorar a noção de uma *contemporaridade* feminista que interroga a presunção (que habitou muito do meu próprio pensamento durante muito tempo), que o estado pode ser transformado através do envolvimento e da insistência. Em parte isto continua a ser uma necessidade. Porém, devido ao equilíbrio de poderes entre as mulheres, em particular como cidadãs aspirantes, e as infra-estruturas do estado existentes, é tão vasto e as disparidades estão tão profundamente arreigadas, as feministas necessitarão de idealizar novos movimentos e noções da comunidade e envolvimento que iniciam a transformação ao nível individual e da comunidade, mesmo quando lidamos com as elites do estado e os seus “parceiros globais” sobre matérias de cidadania sob formas novas e colectivistas.

Em conclusão, deixem-me reiterar que, apesar do estado aparentemente extremo do mundo e do nosso continente em particular, o poder de imaginar e viver efectivamente a vida de Liberdade e Dignidade através da consciência e do activismo Feminista é o presente mais precioso que cada uma de nós pode dar a si própria. Ser parte deste empreendimento humano de tornar a vida uma bela experiência para todas é a razão mais profunda que qualquer uma pode ter para estar aqui, neste planeta, sob a forma humana, com todas as alegrias e prazeres que tal implica. Assim às minhas irmãs que recentemente se juntaram a esta extraordinária comunidade das mulheres radicais – bem-vindas!! Espero ficar a teorizar, estrategizar e debater convosco na solidariedade feminista durante muitos anos. ◉



Leitura Seleccionada/Referências:

Micere Mugo (with Ngugi wa Thiong'o) (1977) I will marry when I want

Micere Mugo (2011) Writing and Speaking from the Heart of my Mind

Awa Thiam (1978) Speak Out, Black Sisters

Nawal al Sa'dawi (1985) God Dies by the Nile

Nawal al Sa'dawi (1975) Woman at Point Zero

Fatima Mernissi (1994) Dreams of Trespass

Fatima Mernissi (1975) Beyond the Veil

Bessie Head (1973) A Question of Power

Ama Ata Aidoo (1977) Our Sister Killjoy

Simone de Beauvoir (1949) The Second Sex

Alexandra Kollontai (1923) A love of Worker Bees

Sobre a Autora

Patricia McFadden é uma radical académica feminista africana da Suazilândia. Uma socióloga de formação, as suas principais questões de inquirição intelectual envolvem sexualidade, cidadania e pós-colonialismo, nacionalismo e lutas revolucionárias e a escrita como resistência no Continente Africano. Foi editora da “Southern African Feminist Review” (SAFERE). Em 1999 McFadden recebeu o Prémio dos Direitos Humanos da Hellman/Hammett como reconhecimento dos escritores que têm sido alvos de perseguição política.

Série Diálogo Feminista

A Ideia da Série Diálogo Feminista nasceu durante uma Workshop Internacional sobre o Feminismo Político em África organizada pela Plataforma Feminista Moçambicana *Fórum Mulher* e a Fundação Friedrich Ebert (FES) em Outubro de 2016 em Maputo. A reunião juntou mais de 50 activistas e académicas feministas de todo o continente. Inspirada pelas discussões e intervenções estimulantes no workshop, esta série visa ser uma plataforma para a partilha de reflexões feministas importantes. Desta forma a série quer contribuir para o desenvolvimento e divulgação do conhecimento feminista africano para transformar as condições políticas e económicas no continente para a justiça social e de género.

A Série Diálogo Feminista conta com a contribuição artística de Ruth Bañón (cabeçalho) e o design de Sebastião Montalvão (Lateral Multimédia).

Esta série é organizada por:

